



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



NATHÁLIA PAES DE OLIVEIRA

**VOZES DA CIDADE:
UM RETRATO DAS EXPRESSÕES URBANAS EM MARIANA**

Fotolivro

MARIANA
2025

Nathália Paes de Oliveira

**VOZES DA CIDADE:
UM RETRATO DAS EXPRESSÕES URBANAS EM MARIANA**

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Augusto Orlando

MARIANA
2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

O48v Oliveira, Nathalia Paes De.
Vozes da Cidade [manuscrito]: um retrato das expressões urbanas em Mariana - MG. / Nathalia Paes De Oliveira. - 2025.
51 f.: il.: color..

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Augusto Orlando.
Produção Científica (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Comunicação e semiótica. 2. Comunicação visual - Mariana (MG). 3. Fotografia - Mariana (MG). 4. Grafiteiros - Mariana (MG). 5. Manifestações públicas - Mariana (MG). I. Orlando, Ricardo Augusto. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 77.03(815.1)

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter de Sousa - CRB6/1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Nathália Paes de Oliveira

Vozes da Cidade: um retrato das expressões urbanas em Mariana

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Jornalismo

Aprovada em 03 de setembro de 2025.

Membros da banca

Prof. Dr. Ricardo Augusto Silveira Orlando - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. Daniel Paiva de Macedo - Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração - Universidade Federal de Ouro Preto

Ricardo Augusto Orlando, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 19/12/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Augusto Silveira Orlando, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/04/2026, às 19:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1036074** e o código CRC **2DA41166**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família que sempre lutou, mesmo que indiretamente, para que eu pudesse estar aqui. Em especial à minha mãe e à minha avó, mulheres que sempre me incentivaram a estudar e a acreditar que sonhar era possível. É por causa delas que eu continuo.

Agradeço ao meu professor e orientador, Ricardo Augusto Orlando, pelo incentivo, pelo encorajamento e por ter me aceito como orientanda no meio do processo de produção deste trabalho. Tenho como exemplo seu trabalho, sua forma de ensinar e de estar presente. Agradeço também ao professor, André Luís Carvalho, que me orientou no começo dessa trajetória, mas que por motivos maiores, não pode continuar. Seu cuidado e sensibilidade como jornalista me inspiram.

Agradeço também a todos os professores que fizeram parte da minha jornada de aprendizado na Universidade. Me inspiro em cada um deles, e é pela dedicação e amor que empregam no que fazem, que continuo estudando.

Aos amigos que a cidade de Mariana e Ouro Preto me proporcionaram, agradeço por estarem sempre ao meu lado e por me fazerem acreditar que sou capaz. Dividir essa jornada com vocês, com certeza facilitou essa caminhada.

RESUMO

Este memorial apresenta o processo de produção do fotolivro “Vozes da Cidade: um retrato das expressões urbanas em Mariana - MG”, que aborda as manifestações urbanas, como a pixação e o grafite, na cidade histórica de Mariana. A obra busca ilustrar a diversidade dessas práticas, que atravessam diferentes espaços urbanos. O memorial evidencia as expressões urbanas como formas de manifestação e protesto por parte de seus agentes. Embora, no Brasil, pixar e grafitar sem autorização seja considerado ilegal, essas práticas refletem os pensamentos de uma parcela da população, funcionando como meios de comunicação, resistência, afirmação e memória, sobretudo para grupos sociais marginalizados.

Palavras-chaves: Expressões urbanas; pixação; grafite; fotografia; comunicação visual.

ABSTRACT

This memorial presents the production process of the photobook “Voices of the City: a portrait of urban expressions in Mariana - MG”, which addresses urban manifestations such as pixação and graffiti in the historic city of Mariana. The work seeks to illustrate the diversity of these practices, which permeate different urban spaces. The memorial highlights urban expressions as forms of manifestation and protest by their agents. Although, in Brazil, pixação and graffiti without authorization are considered illegal acts, these practices reflect the thoughts of a segment of the population, functioning as means of communication, resistance, affirmation, and memory, especially for marginalized social groups.

Keywords: Urban expressions; Pixação; Graffiti; Photography; Visual communication.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1: Grafite realizado por Bruno Miné no Bairro Santo Antônio (Prainha), Mariana-MG..... | 15 |
| Figura 2: Pichação, sem autor identificado, no Centro de Mariana-MG..... | 16 |
| Figura 3: Pixação feita por Grape no espaço Arena Mariana, no Bairro Vila Aparecida, Mariana-MG..... | 17 |
| Figura 4: Tag realizada por Sky no Centro de Mariana..... | 17 |
| Figura 5: Grapixo, sem autor identificado, no espaço Arena Mariana, no Bairro Vila Aparecida, Mariana-MG..... | 18 |
| Figura 6: Bomb realizado por Sbeck na Pista de Caminhada, no Bairro Vila do Carmo, Mariana-MG..... | 18 |
| Figura 7: Pista de Skate localizada na Arena Mariana, no Bairro Vila Aparecida, Mariana-MG..... | 20 |
| Figura 8: Pista de Caminhada, no Bairro Vila Aparecida, Mariana-MG..... | 20 |
| Figura 9: Tag feita por Sky na rua do Catete no Bairro Vila do Carmo. Na imagem vê-se a palavra Sky escrita formando um rosto..... | 24 |
| Figura 10: Na foto, le-se o nome Nathália Paes gravado na tipografia de um pixado..... | 26 |
| Figura 11: Pixador e grafiteiro Sbeck em intervenção urbana realizada na Praça Gomes Freire, em Mariana. Na foto lê-se, “SBK” junto com a frase, “um país onde tinta no muro, ecoa mais que um grito de socorro!”..... | 27 |
| Figura 12: Pixo realizada na Praça Gomes Freire, Mariana. Nela vê-se a tag do pixador The Fix Stuck..... | 29 |
| Figura 13: Organização das imagens em capítulos..... | 31 |
| Figura 14: Organização dos capítulos..... | 31 |
| Figura 15: Referências visuais para a diagramação..... | 32 |
| Figura 16: Fonte tipográfica Special Gothic Regular..... | 33 |
| Figura 17: Fonte tipográfica Impact Regular..... | 34 |
| Figura 18: Capa do fotolivro realizada pela autora..... | 35 |
| Figura 19: Imagem introdutória do capítulo Onde a cidade se encontra..... | 35 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 2 PIXAÇÃO E GRAFITE: MEIOS DE EXPRESSÃO E PROTESTO..... | 11 |
| 2.1 Expressões gráficas no espaço urbano..... | 11 |
| 2.2 Expressões gráficas em Mariana..... | 14 |
| 2.3 Fotografando a cidade..... | 21 |
| 3 DIÁRIO DE CAMPO..... | 24 |
| 4 CRIAÇÃO E PRODUÇÃO DO FOTOLIVRO..... | 30 |
| 4.1 Produção fotográfica..... | 30 |
| 4.2 Estrutura do fotolivro..... | 31 |
| 4.3 Projeto gráfico..... | 32 |
| 4.3.1 Fontes..... | 33 |
| 4.3.2 Cores..... | 34 |
| 4.3.3 Capa..... | 34 |
| 4.3.4 Edição..... | 35 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 36 |
| REFERÊNCIAS..... | 37 |
| APÊNDICE A - Entrevista com Sky..... | 38 |
| APÊNDICE B - Entrevista com Bruno Miné..... | 41 |
| APÊNDICE C - Entrevista com Sbeck..... | 43 |
| APÊNDICE D - Entrevista com Grape..... | 46 |

1 INTRODUÇÃO

Motivada pela minha paixão pelas artes gráficas e pelo desejo de criar um projeto que me permitisse experimentar de forma mais livre, tanto em termos de visualidade quanto de escrita, surgiu a ideia de fazer um livro fotográfico. Esse projeto não apenas me proporciona um espaço para explorar criativamente as possibilidades visuais e narrativas, mas também me permite capturar e compartilhar as nuances das expressões urbanas.

Neste trabalho de conclusão de curso, apresento as expressões urbanas que ocorrem na cidade histórica Mariana, localizada em Minas Gerais. Embora consideradas manifestações culturais, o pixo¹ e o grafite, quando não autorizados, são também considerados crime, que pode ser agravado, especialmente em cidades históricas, quando se trata de monumentos e outros patrimônios tombados por seu valor artístico, arqueológico ou histórico. Pensando na complexidade de realizar expressões urbanas em uma cidade histórica, o produto deste trabalho busca compreender e registrar essas manifestações.

No primeiro capítulo, abordo o pixo e o grafite como meios de expressão gráfica, discutindo como a sociedade define o que é vandalismo, o significado dessas manifestações e como elas aparecem e são percebidas em Mariana.

No segundo capítulo, reflito sobre o ato de fotografar a cidade, utilizando o conceito de flâneur de Walter Benjamin, e sobre como a fotografia funciona não apenas como documentação, mas também como registro pessoal do mundo.

No terceiro capítulo, compartilho meu diário de campo, registrando a interação com os pixadores e grafiteiros que entrevistei, além da experiência de presenciar manifestações na praça central da cidade.

No último capítulo, apresento o processo de criação do fotolivro, incluindo escolhas editoriais, gráficas e fotográficas, bem como a montagem dos capítulos e a construção do livro como um todo.

Assim, este fotolivro não se limita a ser um registro visual das expressões urbanas em Mariana, mas também busca revelar a complexidade dessas manifestações como práticas de resistência, identidade e memória. Ao combinar imagens, este trabalho propõe uma leitura

¹ Opto por utilizar o termo pixação, grafado com “x”, pois, entre os teóricos da área, essa forma é compreendida como a que melhor expressa o caráter do movimento.

sensível da cidade, mostrando como o antigo e o moderno, a tradição e a transgressão, coexistem e se dialogam nas ruas de Mariana.

2 PIXAÇÃO E GRAFITE: MEIOS DE EXPRESSÃO E PROTESTO

Vandalismo, patrimônio, crime, manifestação e protesto. Essas foram as palavras que mais ouvi ao longo da realização deste trabalho sobre as expressões urbanas. Para os próprios praticantes, porém, essa forma de expressão vai além das classificações tradicionais; eles a consideram um ato político, uma maneira de questionar e dialogar com o espaço urbano.

Mas como a sociedade define o que é vandalismo e o que é protesto? Em “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”, Kathryn Woodward (2014) diz que as identidades, assim como os conceitos, são definidos através das diferenças. A marcação dessa diferença acontece tanto por meio das representações quanto pelas formas de exclusão social.

Esse sistema classifica pelas diferenças o que é “nós” e “eles”, “belo” e “feio”, “protesto” e “vandalismo”. Assim, cada cultura atribui significado ao mundo de acordo com seus próprios sistemas classificatórios. Segundo Woodward (2014, p. 42), há na sociedade um nível de consenso “sobre como classificar as coisas a fim de manter alguma ordem social”. E é essa partilha de significações o que se pode entender por ‘cultura’.

Isso sugere que a ordem social é mantida por meio de oposições binárias, tais como a divisão entre “locais” (insiders) e “forasteiros” (outsiders). A produção de categorias pelas quais os indivíduos que transgridem são relegados ao status de “forasteiros”, de acordo com o sistema social vigente, garante um certo controle social (Woodward, 2014, p. 47).

Esse modo de classificar também pode servir negativamente. Woodward argumenta que esses sistemas simbólicos servem para excluir e estigmatizar certos grupos, aqueles que são considerados como “outros”.

2.1 Expressões gráficas no espaço urbano

Presente em muros e fachadas das cidades, as expressões gráficas urbanas são compreendidas como manifestações culturais, como o grafite e o pixo, o estêncil e o lambe-lambe. Essas formas de expressão funcionam como meios de comunicação, resistência, afirmação e memória, especialmente para grupos sociais marginalizados. Em “Direito visual à cidade: a estética da pixação e a cidade de São Paulo”, Tiburi (2013, p. 52) afirma que:

A pixação é, neste sentido, a assinatura compulsiva de um direito à cidade. Um abaixo-assinado, às vezes surdo, às vezes cego, pleno de erros, analfabeto, precário em sua retórica, mas que, em sua forma e conteúdo, sinaliza um retrato em negativo da verdade quanto ao espaço – e nosso modo de percebê-lo – nas sociedades urbanas. Espaço atravessado, estraçalhado, pela exclusão social.

Essa leitura, embora dirigida à pixação, pode ser ampliada para outras formas de intervenção urbana, que igualmente funcionam como registros e reivindicações de presença, revelando tensões e disputas em torno da ocupação do espaço público.

Nesse sentido, ao retomarmos o conceito de identidade discutido por Woodward (2014), podemos entender que as expressões gráficas urbanas são constantemente atravessadas por disputas de sentido. O que para uns se configura como manifestação, para outros é visto como vandalismo, e essa ambivalência revela justamente o funcionamento dos sistemas classificatórios que marcam diferenças e definem pertencimentos.

Buscando em jornais da região por termos como ‘grafite’, ‘grafiteiro’, ‘pixo’, ‘picho’, ‘pichação’, ‘pixação’ e ‘pixador’, é possível encontrar matérias tanto positivas quanto negativas sobre o tema².

Apesar das expressões urbanas serem vistas por alguns como vandalismo, elas têm raízes antigas. Desde a era pré-histórica, os homens das cavernas desenhavam nas paredes cenas de caça e objetos pessoais, expressando-se visualmente no espaço. No entanto, as expressões urbanas como a conhecemos hoje só ganharam força na segunda metade do século

² A pesquisa foi realizada em três jornais locais: *Jornal Geraes*, *Agência Primaz* e *O Liberal - Região dos Inconfidentes*. Ao procurar pela palavra ‘grafite’ e termos semelhantes, a notícia mais recente encontrada tanto no *Jornal Geraes* (<https://jornalgeraes.com.br/projeto-hip-hop-apae-ouro-preto-inclusao-cultura/>) quanto na *Agência Primaz* (<https://www.agenciaprimaz.com.br/2025/08/08/conexao-zulu-encerra-1a-etapa-do-projeto-hip-hop-na-apae/>) refere-se a uma ação promovida pelo Coletivo Conexão Zulu na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). A atividade incluiu oficinas de *hip-hop*, abrangendo os cinco elementos dessa cultura — rap, grafite, MC, dança de rua e conhecimento. Nessas matérias, o grafite não aparece como foco, mas em diálogo com outras linguagens, em uma perspectiva educacional e de fortalecimento da identidade cultural. Já no *O Liberal* (<https://oliberalinconfidentes.com.br/ouro-preto/casa-da-juventude-promove-atividades-recreativas-gratuitas-em-ouro-preto-e-cachoeira-do-campo/>), a ocorrência mais recente ligada ao grafite é a divulgação de um evento realizado em Ouro Preto e Cachoeira do Campo, que ofereceu atividades gratuitas para a comunidade. Entre elas, a oficina “Estilo de rua: grafite e dança de rua”. Por outro lado, ao buscar pela palavra ‘pixação’ e termos relacionados, os resultados se apresentam de forma distinta. No *Jornal Geraes* (<https://jornalgeraes.com.br/monumento-a-tiradentes-vandalizado-em-ouro-preto-e-restaurado/>), a matéria mais recente é intitulada “Monumento a Tiradentes vandalizado em Ouro Preto é restaurado”. O texto caracteriza o ato como vandalismo e ressalta a importância do monumento para a cidade. Na *Agência Primaz*, não foram encontrados registros sobre o tema. Já em *O Liberal* (<https://oliberalinconfidentes.com.br/destaque/igreja-de-ouro-preto-e-alvo-de-vandalismo-e-casal-suspeito-e-presos/>), a notícia mais atual trata da prisão de um casal suspeito de pixar uma igreja. O texto enfatiza a atuação da Secretaria de Segurança e Trânsito e da Guarda Civil Municipal, além de destacar a relevância do patrimônio religioso.

XX, na França. “Em 1968, em Paris, operários fizeram greve e nos muros da capital francesa surgiram alguns exemplos de pichações com o objetivo de protesto, retratando a movimentação estudantil na sociedade moderna”, explica Lassala (2017, p. 84).

No Brasil, o movimento surge na mesma época, no contexto da ditadura militar. Ele aparece como uma manifestação contra esse regime. Sendo uma forma da população expressar a sua opinião. De acordo com Lassala (2017), é por conta do seu surgimento que a pichação é associada até hoje a uma forma de protesto no país.

Embora as expressões urbanas estejam presentes em várias culturas e países, em cada lugar ela possui significações diferentes. É somente no Brasil que existe a distinção entre grafite e pixo, conforme afirma Ana Karina Oliveira em sua dissertação “Agora é a vez do pixo”. “No resto do mundo, o que aqui é chamado de pichação é visto como um estilo dentro do grafite” (Oliveira, 2015, p. 36-37).

Já o grafite aparece no Brasil com influência nova-Iorquina e se inspira na *pop art* e no muralismo. Segundo Oliveira, ele surge pelas mãos de “pessoas com formação acadêmica e artística, vindas da classe média” (2015, p. 27-28), visto que eles possuíam um maior acesso ao que estava acontecendo no mundo.

Embora exista diferença no surgimento do que é chamado de grafite e de pichação no Brasil, os dois se apresentam como intervenções gráficas nas ruas capazes de “questionar e desestabilizar lugares, funções e, assim, formas consensuais de partilhar o sensível”, (Oliveira, 2015, p. 24). É por meio dos desenhos e palavras nas ruas que esses sujeitos se apropriam da cidade, e a cidade, por sua vez, os incorpora ou repele, ressignificando os espaços. Oliveira diz que intervenções urbanas vêm de diferentes classes socioeconômicas, assim, mostrando “a capacidade que a cidade tem de abrigar e articular as diferenças e os saberes” (2015, p. 10). Para ela, “esses interventores parecem ter em comum a compreensão de si mesmos como seres da cidade que, ao mesmo tempo, a compõem e são compostos por ela; que se propõem a transformá-la e permitem ser transformados por ela”, explica Oliveira (2015, p. 10).

Em “Pichação não é pichação”, Gustavo Lassala apresenta e classifica onze tipos de intervenções urbanas características das ruas brasileiras. Estas diferentes formas de expressão podem ser facilmente confundidas, pois elas derivam umas das outras. Outro fator que aumenta a dificuldade de compreensão e definição de cada uma dessas expressões urbanas é

que elas não são apresentadas separadamente. Lassala (2017, p. 70) diz que “nas ruas, as intervenções são aleatórias e anárquicas, formando um mosaico de informações que pode ser imprevisível e efêmero”.

2.2 Expressões gráficas em Mariana

Aqui apresentarei algumas das classificações feitas por Lassala das expressões urbanas que encontrei na cidade de Mariana e que estarão presentes no meu trabalho:

Grafite: Em sua essência, o grafite (Figura 1) é uma forma de intervenção urbana. E pode ser reconhecido pelas letras e/ou elementos que exigem maior complexidade e pela variedade de cores, além do apelo estético. Normalmente, os grafiteiros têm como “ideologia desmistificar os símbolos de dominação cultural” (Lassala, 2017, p. 38). Assim, com imagens de grande apelo visual, eles visam expor à população temáticas voltadas a questões políticas e sociais. O grafite é também uma forma de aproveitamento do espaço urbano. Sendo realizado, na maioria das vezes, em locais abandonados ou em lugares autorizados, recebendo algum tipo de patrocínio.

Figura 1: Grafite realizado por Bruno Miné no Bairro Santo Antônio (Prainha), Mariana-MG



Fonte: Fotografia da autora

Picho: É uma ação de transgressão realizada para marcar presença ou para chamar a atenção para alguma causa. Embora não siga um padrão estético definido em termos de forma e conteúdo, o picho (Figura 2) geralmente se manifesta por meio de palavras, mas também pode ser acompanhado de desenhos e símbolos mais simples. Isso em razão de o picho ser uma atividade nunca autorizada ou cedida, assim, exigindo um curto período de tempo para ser realizado. Lassala (2017, p. 46) explica que a produção do picho “é aleatória e anárquica, permitindo que qualquer um possa atuar com as mais diversas ferramentas para desenhar, pintar, escrever ou rabiscar”.

Figura 2: Pichação, sem autor identificado, no Centro de Mariana-MG



Fonte: Fotografia da autora

Pixo: É uma forma específica de pichação criada nas ruas de São Paulo. Em resposta à predominância da comunicação de massa nas ruas, o pixo (Figura 3) desenvolveu uma gramática própria, com uma tipografia personalizada que distingue seus autores. Geralmente, esses escritos não são entendidos pelo público leigo. Por não ser de fácil compreensão, muitas vezes esse tipo de manifestação é associado à poluição visual, gerando uma imagem negativa. Lassala (2017, p. 50) diz que “esse tipo de escrita tem o objetivo de gerar fama (Ibope) para o indivíduo ou grupo que conseguiu, por exemplo, pixar um determinado lugar de difícil acesso e de grande visibilidade”.

Figura 3: Pixação feita por Grape no espaço Arena Mariana, no Bairro Vila Aparecida, Mariana-MG



Fonte: Fotografia da autora

Tag: É um termo de origem norte-americano que significa assinatura, sendo uma forma de identificação do autor. Dentro da pixação paulistana há também uma variação dessa forma, chamada *tag* reto. Ela é mais que uma assinatura, é um estilo caligráfico usado para padronizar o logotipo de cada pixador. Geralmente, a *tag* (Figura 4) é feita com letras que procuram ocupar o maior espaço possível.

Figura 4: Tag realizada por Sky no Centro de Mariana



Fonte: Fotografia da autora

Grapixo: É uma fase intermediária entre o pixo e o grafite, sendo uma adição da tipografia do pixo com duas ou mais cores no contorno e miolo das formas. Muitas vezes o grapixo (Figura 5) é feito em conjunto com grafiteiros, e em razão da complexidade do trabalho.

Figura 5: Grapixo, sem autor identificado, no espaço Arena Mariana, no Bairro Vila Aparecida, Mariana-MG



Fonte: Fotografia da autora

Bomb: É uma técnica criada por grafiteiros americanos, sendo uma adição de letras desenhadas utilizando técnicas para simular volume. Embora visualmente se assemelhe ao grafite, o *bomb* (Figura 6) se aproxima mais da pixação por ser realizado através de intervenções não autorizadas.

Figura 6: *Bomb* realizado por Sbeck na Pista de Caminhada, no Bairro Vila do Carmo, Mariana-MG



Fonte: Fotografia da autora

Lassala considera que as expressões urbanas estão ligadas diretamente ao interesse humano na comunicação. É por meio das suas marcas nas paredes que os sujeitos se tornam visíveis na cidade, comunicando seus anseios e questionamentos. Sendo movidos por seus conflitos e tensões cotidianas, eles se apropriam da cidade a ressignificando com base na sua própria realidade.

Se [a cidade] não oferece espaços para a expressão de suas identidades, origens e anseios, eles os abrem à força. Para alguns, um ato de vandalismo que destrói propriedades e patrimônios; para aqueles que intervêm, atribuição de sentido a espaços que antes não (lhes) diziam nada” (Oliveira, 2015, p. 25)

Dessa forma, essas pessoas reivindicam seu direito à cidade e o reconhecimento de seus corpos nesses espaços. Com suas marcas eles sinalizam que também estão presentes e que também fazem parte da sociedade. Marcia Tiburi em seu texto “Pensamento piXação” chama esse ato de um abaixo-assinado que sinaliza “um retrato negativo da verdade quanto ao espaço”. Essas formas de expressão revelam a exclusão e as problemáticas sociais pelas paredes da cidade, expondo as mais diversas causas, crenças e afetividades. Para Oliveira (2015, p. 17) “essas intervenções sensibilizam o olhar para a cidade e para seus usos, guardando aí uma potência de transformação das relações e interações com seus espaços a partir dos modos em que elas nos atravessam”.

Apesar de seu contexto, a pixação é entendida como crime e vandalismo pelo poder público, diferentemente do grafite, que passou a ser entendido como uma forma de arte e de embelezar a cidade. De acordo com o artigo 65, da Lei 9.605/98³ (Brasil, 1998), “pichar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano” é considerado um crime ambiental e de vandalismo, que pode levar a detenção de três meses a um ano, além de multa. Já para a pixação de monumentos tombados de valor artístico, arqueológico ou histórico a pena pode variar entre seis meses a um ano.

Em Mariana, uma cidade repleta de patrimônios históricos, é difícil encontrar essas expressões urbanas no centro da cidade. Isso se deve à criminalização dessas manifestações, agravada por penas mais severas devido ao *status* de cidade histórica, além da fiscalização policial intensa nesses locais.

³ Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm>. Último acesso em 22 de ago. de 2025.

Embora existam algumas que fujam à regra, muitas das expressões urbanas de Mariana estão localizadas nos bairros. Quando estão perto do centro, ficam, no geral, em ruas mais escondidas, menos movimentadas. Mas há dois lugares da cidade que servem como um mural para essa atividade: a pista de skate (Figura 7), na Arena Mariana, no Bairro Vila Aparecida e a pista de caminhada (Figura 8), localizada próximo ao distrito de Passagem. Esses espaços servem como telas para diversos pixadores e grafiteiros se manifestarem sem preocupação.

Figura 7: Pista de Skate localizada na Arena Mariana, no Bairro Vila Aparecida, Mariana-MG



Fonte: Fotografia da autora

Figura 8: Pista de Caminhada, no Bairro Vila Aparecida, Mariana-MG



Fonte: Fotografia da autora

Com um olhar mais atento é possível se deparar com uma grande variedade de expressões urbanas nas ruas de Mariana. Desde grafites, pichos, pixos, *tags*, *grapixos* e *bombs*. Pelo menos esses foram os que consegui identificar. Cada um deles possui uma peculiaridade de acordo com a técnica e a expressão do seu autor. Também é possível encontrar a associação com grupos de outras regiões, como por exemplo a grife⁴ “Os mais pragas”, que tem vínculo com Belo Horizonte e São Paulo.

Apesar de toda a cultura *hip-hop*, dos artesãos e coletivos artísticos da cidade, Mariana não recebe bem os pixadores e grafiteiros. Sbeck, que atua na cidade, afirma, em entrevista⁵, que as expressões urbanas, em suas diversas formas, são amplamente marginalizadas. Segundo ele, tanto o pixo quanto o grafite são vistos de forma negativa: “é uma cultura marginal, a cultura do pixo, do grafite. Então a aceitação na maioria das vezes não é boa”. O pichador Sky, também em entrevista⁶ cedida, reforça essa visão, destacando que a pichação é uma forma legítima de expressão, mas comenta, se referindo às pessoas de Mariana: “mas aqui o povo não entende por ser uma cidade histórica. Acha que está trazendo prejuízo ao patrimônio público”.

Apesar da falta de apoio, todos os entrevistados são movidos por questões políticas, pela necessidade de expor os problemas sociais que eles enfrentam e pela necessidade de se fazerem vistos numa sociedade excludente. O pixador Grape, em entrevista⁷, diz que “a pichação é um grito para tudo isso, dessa sociedade imunda hipócrita que vai julgar mais minha pichação do que as próprias ações, sabe?”.

Por meio das ideias aqui levantadas, pode-se dizer que as expressões urbanas são uma forma desses sujeitos afirmarem sua presença, mostrando que eles também existem e fazem parte da cidade. Através de suas palavras escritas nos muros, eles não se calam, não deixam apagar e forçam a sociedade a enxergar os seus questionamentos e angústias. Eles incomodam, causam desconforto, levando à reflexão sobre os limites do protesto, pertencimento e identidade.

2.3 Fotografando a cidade

⁴ Segundo Lassala (2017 p. 112), grife, na linguagem dos interventores, é um grupo formado por várias gangues de pixadores.

⁵ Entrevista realizada pela autora com Sbeck, remotamente, em 12 de fevereiro de 2025. Ver Apêndice C.

⁶ Entrevista realizada pela autora com Sky, no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA), em 13 de agosto de 2024. Ver Apêndice A.

⁷ Entrevista realizada pela autora com Grape, no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA), em 3 de setembro de 2024. Ver Apêndice D.

Pelas ruas de Paris, o flâneur de Walter Benjamin (1994) vagueia pela cidade, sem pressa, observando cada movimento e cada conversa, tentando compreender a modernidade. Ele se deixa envolver pela cidade, observando atentamente sem se deixar consumir por ela, percebendo a beleza que se esconde por trás das fachadas e vitrines das lojas. Sua atenção aos detalhes permite perceber aspectos da cidade que muitas vezes passam despercebidos, revelando histórias e conflitos do cotidiano.

O flâneur anda pela cidade com um olhar crítico e atento, buscando histórias e observando os mínimos detalhes. Para ele, “as ruas são a morada do coletivo. O coletivo é um ser eternamente inquieto, eternamente agitado, que, entre os muros dos prédios, vive, experimenta, reconhece e inventa tanto quanto os indivíduos ao abrigo de suas quatro paredes” (Benjamin, 1994, p. 194). Assim, a cidade se torna um espaço de observação e experiência, onde cada movimento, cada expressão e cada conflito revelam a dinâmica e a vida de seus habitantes.

Assim como o flâneur vagueia pelas ruas com um olhar atento, o jornalista também atua como um observador cuidadoso. Ele registra fatos, histórias e acontecimentos, muitas vezes invisíveis ao olhar comum, buscando compreender o contexto social e cultural em que ocorrem. Benjamin (1994, p. 225) diz que a “a base social da flânerie é o jornalismo”, assim como “o jornalista se comporta como flâneur”.

Da mesma forma que o flâneur adentra o ambiente sem perder o olhar crítico, o jornalista atua no espaço social, entrevistando, observando e investigando, mantendo sempre uma postura analítica que lhe permite interpretar os acontecimentos e transmitir a informação aos leitores.

Durante a execução deste trabalho, me inspirei na figura do flâneur. Busquei vagar pela cidade, atenta a cada expressões urbanas, procurando não deixar passar aquelas que estivessem mais escondidas. Ao mesmo tempo, observava a reação dos transeuntes ao redor, percebendo como reagem à minha presença com a câmera e à própria expressão urbana presente no espaço. Notei também como essas manifestações dialogavam com o ambiente em que estavam inseridas, e procurei transmitir essa sensação para as fotografias, mostrando também o lugar em que estavam dispostas e suas relações com as pessoas ao redor.

A prática de observação do flâneur conecta-se à reflexão de Boris Kossoy em “Fotografia e história”. Assim como o flâneur percorre a cidade atento aos detalhes que

revelam outras camadas da realidade urbana, a invenção da fotografia permitiu ao homem obter um conhecimento mais preciso de mundos e experiências que antes eram acessíveis apenas pela tradição escrita ou verbal. Assim a “descoberta da fotografia propicia, de outra parte, a inusitada possibilidade de autoconhecimento e recordação, de criação artística (e portanto de ampliação dos horizontes da arte), de documentação e denúncia graças a sua natureza testemunhal”, explica Kossoy (2009, p. 27).

Mais do que apenas uma forma de documentação, a fotografia é capaz de exibir conteúdos que despertam sentimentos diversos, como afeto, ódio ou até mesmo nostalgia. Assim, segundo Kossoy (2009, p. 28), a fotografia permanece mesmo depois do desaparecimento de cenários, personagens e monumentos. Nesse sentido, ainda que as expressões urbanas de Mariana sejam apagadas, elas continuam registradas neste trabalho, revelando como a fotografia atua não apenas como documento, mas como resistência à efemeridade dessas manifestações.

Kossoy (2009, p. 37) explica que, para que uma fotografia seja realizada, são necessários três elementos: um assunto, um fotógrafo e uma tecnologia. Dessa forma, a fotografia é resultado da ação humana, pois é o fotógrafo quem determina o espaço, o tempo, o enquadramento e quem manipula os recursos técnicos disponíveis. Assim, a fotografia é influenciada tanto pelas possibilidades oferecidas pela tecnologia quanto pelo filtro cultural do olhar de quem a produz.

Toda fotografia tem atrás de si uma história. Olhar para uma fotografia do passado e refletir sobre a trajetória por ela percorrida é situá-la em pelo menos três estágios bem definidos que marcaram sua existência. Em primeiro lugar houve uma intenção para que ela existisse. [...] o segundo estágio: o ato do registro que deu origem a materialização da fotografia ponto finalmente, o terceiro estágio: os caminhos percorridos por esta fotografia, as vicissitudes por que passou as mãos que a dedicaram, os olhos que a viram, as emoções que despertou, os porta-retratos que a emolduraram, os álbuns que a aguardaram, os porões e sótãos que a enterraram, as mãos que a salvaram. (Kossoy, 2009, p. 45)

Assim, meu percurso pelas ruas de Mariana se constituiu como uma tentativa de articular olhar e registro: caminhar como flâneur, atento aos detalhes do cotidiano, e fotografar com a consciência de que cada imagem carrega tanto minha escolha enquanto fotógrafa quanto as marcas do contexto em que foi produzida. As expressões urbanas que registrei, ainda que efêmeras e sujeitas ao apagamento, permanecem aqui preservadas como documentos visuais de uma cidade em movimento.

3 DIÁRIO DE CAMPO

Este trabalho começou com um mapeamento pelas ruas de Mariana em busca de expressões gráficas. Primeiro, percorri os lugares do meu cotidiano, fotografando esses espaços, como o Bairro Santana, onde moro, os arredores do Centro e a Rua do Catete. Depois, fui até os bairros Santo Antônio, também conhecido como Prainha, Cabanas e Chácara, áreas com as quais eu ainda não tinha tido muito contato. Além disso, visitei a Pista de Caminhada, localizada no Bairro Vila do Carmo, e a Pista de Skate no Bairro Vila Aparecida, espaços já conhecidos por serem repletos de grafites e pixações.

Nessa busca, comecei a notar algumas pixações frequentes por toda a cidade, com os dizeres “Sky” (Figura 9), gravados em tipografias diferentes. Descobri depois que essa era uma *tag*, uma assinatura, comumente feita por pixadores para dizer, “eu estou aqui”. Após identificar essa marca por toda a cidade, fiquei interessada em descobrir quem era aquela pessoa, se era uma mulher ou um homem, e por que assinava seu nome em diversos bairros.

Figura 9: *Tag* feita por Sky na rua do Catete no Bairro Vila do Carmo. Na imagem vê-se a palavra Sky escrita formando um rosto



Fonte: Fotografia da autora

Durante a execução deste trabalho, conversei com outras pessoas sobre o que eu estava fazendo e qual era o objetivo dele. Essas conversas sempre foram muito proveitosas, já que um dos meus interesses era saber como as pessoas reagem a essas formas gráficas. Foi em uma dessas conversas que encontrei o *Instagram* de Sky. Logo em seguida, comecei a segui-lo na rede social e mandei uma mensagem explicando qual era o meu trabalho e que gostaria de conversar com ele. Em poucos dias, ele me respondeu e marcamos uma entrevista. No começo, fiquei bem receosa de que fosse difícil conversar com os pixadores, de que eles não aceitassem o meu convite ou não se sentissem confortáveis para falar sobre o tema, mas aconteceu exatamente o contrário.

Em todas as seis entrevistas que realizei, todos foram muito abertos e disponíveis. Pude ouvir histórias dos “rolezinhos” – nome pelo qual costumam chamar as saídas para pichar/grafitar – o ponto de vista deles sobre o que é grafitar e pixar, como as pessoas os percebem e tratam, e também a motivação de cada um. Durante as conversas, todos foram muito solícitos e até verbalizaram o quanto estavam felizes em compartilhar seus trabalhos, além de expressarem que sentiam falta de serem ouvidos e tratados com mais valor.

No encontro com Sky, pedi que ele me indicasse outros pixadores e grafiteiros com quem eu pudesse conversar. A partir daí, encontrei mais três das minhas fontes: Sbeck, Grape e :ZifRã0__R\$\$\$. Além deles, ele me passou outras fontes, mas ou não consegui contatá-las ou não obtive resposta.

Através de Grape, consegui o contato de outros dois pichadores mais antigos da cidade de Mariana. Um deles não quis marcar entrevista, mas respondeu às minhas perguntas pela internet. Já o outro, mesmo após eu explicar o teor do meu trabalho, preferiu não dar entrevista, pois já havia concedido uma sobre seu trabalho na pichação, há alguns anos, e foi pressionado no emprego por conta disso. Apesar de recusar a entrevista, ele escreveu o meu nome na sua tipografia (Figura 10).

Figura 10: Na foto, le-se o nome Nathália Paes gravado na tipografia de um pixado



Fonte: Arquivo pessoal

Pude entrevistar também o grafiteiro Bruno Miné, formado no curso de Jornalismo pela Ufop. A conversa com ele me fez entender bastante sobre o cenário das expressões urbanas em Mariana, pois até mesmo ele, como grafiteiro, um movimento que já é mais aceito, sofria repressão na cidade. Na entrevista, ele comentou que, há poucos dias, havia recebido uma multa por grafitar. Além disso, foi bem enfático ao dizer que não via futuro para seu trabalho aqui em Mariana, já que não há nenhum incentivo por parte do poder público local.

Enquanto procurava por outros pixadores e grafiteiros, senti falta de mulheres nesse cenário. Por meio de Sky, encontrei a :ZifRã0__R\$\$S. E, através do Instagram, descobri Boca de Dunas, por meio da divulgação de um evento da APAE de Ouro Preto, onde ela estava ministrando uma oficina de grafite. Apesar de terem passado pela cidade, nenhuma das duas é de Mariana. :ZifRã0__R\$\$S é moradora de Contagem-MG e Boca de Dunas é de Ouro Preto-MG. Recebi relatos de ambas sobre a experiência de ser mulher nessa área e sobre o

quão predominantemente masculino é o cenário, que oferece pouca abertura para as mulheres. Essas conversas me deixaram intrigada e despertaram em mim um desejo de aprofundar minha pesquisa sobre o assunto no futuro.

Outro ponto que me chama a atenção é a ausência de pichações no centro de Mariana. Sendo uma cidade histórica, há restrições e fatores que dificultam ainda mais a presença dessas expressões no espaço. Contudo, durante a produção deste trabalho, pude presenciar dois eventos nesse espaço. O primeiro deles foi uma intervenção feita pelo pichador e grafiteiro Sbeck (Figura 11), realizada na Praça Gomes Freire. Com rolos de plástico filme e uma lata de spray, ele foi até o local e montou uma superfície para pichar, sem tocar em nenhum objeto da praça, escrevendo sua *tag* e a frase: “Um país onde tinta no muro ecoa mais que um grito de socorro!”.

Figura 11: Pixador e grafiteiro Sbeck em intervenção urbana realizada na Praça Gomes Freire, em Mariana. Na foto lê-se, “SBK” junto com a frase, “um país onde tinta no muro, ecoa mais que um grito de socorro!”



Fonte: Fotografia da autora

Eu estava presente no dia da intervenção que aconteceu em 8 de setembro de 2025, numa manhã de sábado, e pude registrar fotograficamente esse momento. Estar lá agregou muito a este trabalho, pois, além de documentar o evento, pude observar de perto as reações

tanto dos pichadores quanto dos transeuntes. Dois pichadores estavam presentes: um para dar apoio e o outro para realizar a intervenção, além de uma cinegrafista. Durante todo o tempo, os três estavam preocupados com a reação das pessoas e se a polícia iria intervir. A cinegrafista, inclusive, mencionou que já estava preparada caso isso acontecesse, pois havia estudado as leis e sabia que o que estavam fazendo não era crime, já que não estavam "depredando" nenhum patrimônio. A intervenção foi concluída sem que nenhum policial aparecesse.

Já os transeuntes tiveram reações diversas. Alguns passavam e olhavam com curiosidade ou mesmo demonstrando reações positivas, como uma dupla de homens que comentou: “puta frase”. No entanto, também presenciei uma reação negativa, quando um senhor, sentado em um dos bancos, parou a mim e a cinegrafista para conversar, questionando o que estava acontecendo, e em seu discurso afirmou: “eles estão contra a polícia”. No geral, a maioria das pessoas estava apenas curiosa, tentando entender o que estava acontecendo.

O outro evento foi uma pichação realizada no mesmo espaço, desta vez diretamente na parede do local (Figura 12). Este ato me chamou muito a atenção, principalmente porque a área é monitorada pela polícia através de um olho vivo⁸. Descobri o ato ao ver o próprio pixador postar uma foto da pichação em suas redes sociais, o que me despertou uma urgência de ir até o local no dia seguinte para fotografá-la, com receio de que a intervenção fosse rapidamente apagada. As expressões urbanas em geral tem uma vida curta, especialmente em uma cidade com forte presença histórica e vigilância ativa.

Enquanto eu a fotografava, observei também as reações dos transeuntes. Curiosamente, talvez pelo fato de a pichação se misturar com o ambiente, muitas pessoas não pareciam notar que ela estava ali. Mesmo em um horário de pico, no final da tarde, quando muitos voltavam para casa após o trabalho, a intervenção passava quase despercebida.

⁸ Sistemas de câmeras de monitoramento em espaços públicos. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha-MG), anunciou em 2012 a instalação desses sistemas em seis cidades históricas para a proteção do patrimônio histórico. WERNECK, Gustavo. Câmeras vão proteger patrimônio histórico em Minas. Estado de Minas, 2012. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/10/25/interna_gerais,325467/cameras-vaio-protoger-patrimonio-historico-em-minas.shtml. Acesso em: 22 de agosto de 2025.

Figura 12: Pixo realizada na Praça Gomes Freire, Mariana. Nela vê-se a tag do pixador The Fix Stuck



Fonte: Fotografia da autora

4 CRIAÇÃO E PRODUÇÃO DO FOTOLIVRO

O processo de criação e produção do fotolivro foi inteiramente desenvolvido por mim, abrangendo todas as etapas, desde a elaboração dos conteúdos, como entrevistas e fotografias, até a confecção final do livro. Isso inclui a redação dos textos, a fotografia e a diagramação. Cada detalhe foi pensado de forma a integrar as imagens e as narrativas, de modo a evidenciar os principais elementos das expressões urbanas.

O fotolivro tem como objetivo apresentar uma seleção de imagens que revelam as expressões urbanas de Mariana. Para isso, foram escolhidas 59 fotografias, organizadas em capítulos que discutem os significados dessas formas de expressão no contexto de uma cidade histórica.

4.1 Produção fotográfica

As imagens que compõem este fotolivro foram produzidas entre 25 de março de 2024 e 9 de fevereiro de 2025. Antes da etapa final de registro, realizei um mapeamento dos bairros Cabanas, Centro, Dom Oscar, Santana, Santo Antônio, São José, Vila Aparecida e Vila do Carmo. Esse primeiro levantamento foi feito utilizando o celular, com o objetivo de localizar e reconhecer os pontos de maior incidência de expressões urbanas.

A partir desse material inicial, selecionei 96 fotografias e retornei às ruas para refazer os registros, agora de forma mais cuidadosa e direcionada. Com as imagens refeitas, iniciei o processo de organização do material, separando as fotografias em capítulos que estruturam a narrativa visual do livro (Figura 13).

Figura 13: Organização das imagens em capítulos

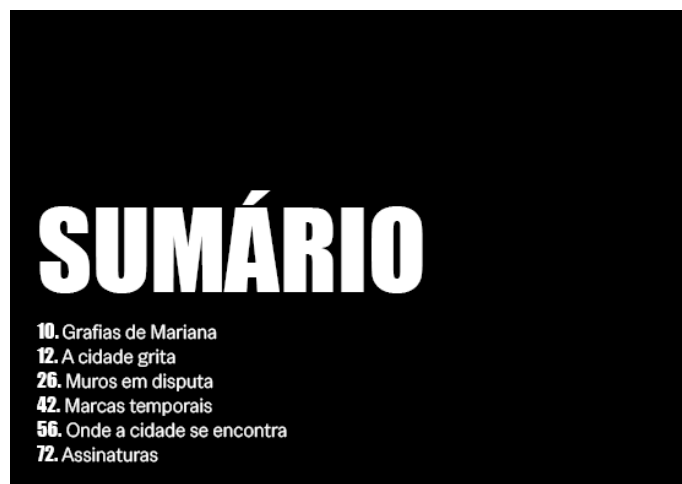


Fonte: Fotografia da autora

4.2 Estrutura do fotolivro

O fotolivro foi estruturado em seis capítulos (Figura 14): Grafias de Mariana, A cidade grita, A cidade em disputa, Marcas temporais, Onde a cidade se encontra e Assinaturas. Cada um deles foi pensado de modo a contemplar diferentes aspectos das expressões urbanas e a oferecer ao leitor uma contextualização sobre a temática.

Figura 14: Organização dos capítulos



Fonte: Captura de tela realizada pela autora

A definição desses capítulos resultou de um processo de organização das imagens por temáticas recorrentes, como o protesto, as formas de representação simbólica e a disputa por espaço no ambiente urbano. Dessa forma, a estrutura do livro busca não apenas apresentar registros visuais, mas também propor uma leitura crítica sobre como as expressões urbanas se

inscrevem e se reinventam na cidade de Mariana. Para orientar essa leitura, foi elaborado um texto introdutório que conduz o leitor no processo de interpretação das imagens.

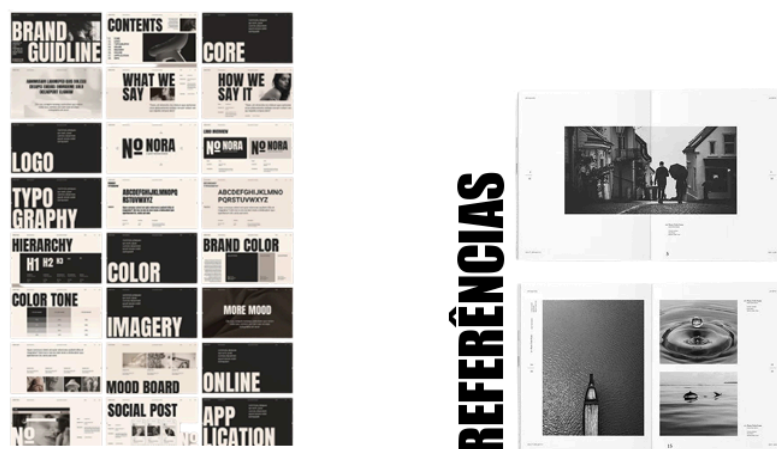
O capítulo final apresenta uma estrutura distinta dos demais. Nele, o foco recai sobre os pixadores e grafiteiros entrevistados ao longo do trabalho, trazendo registros visuais de suas produções e citações, retiradas da entrevista realizada com eles, que destacam suas visões sobre o tema.

O fotolivro também conta com um texto introdutório que contextualiza o cenário das expressões gráficas em Mariana, situando o leitor sobre as relações entre a cidade e as expressões urbanas, abordando as tensões entre o patrimônio histórico e as manifestações contemporâneas. Dessa forma, o texto funciona como uma ponte para que o leitor compreenda melhor o conteúdo visual e as falas dos pichadores e grafiteiros inseridas ao longo do livro.

4.3 Projeto gráfico

A construção da parte visual do livro partiu do pressuposto de que as imagens deveriam falar por si mesmas e ocupar o centro das atenções. Por isso, optei por um caminho mais minimalista, utilizando o espaço de forma a valorizar a centralidade das fotografias. Nesse processo, busquei referências (Figura 15) que pudessem orientar e enriquecer o desenvolvimento do projeto.

Figura 15: Referências visuais para a diagramação



Fonte: Captura de tela realizada pela autora

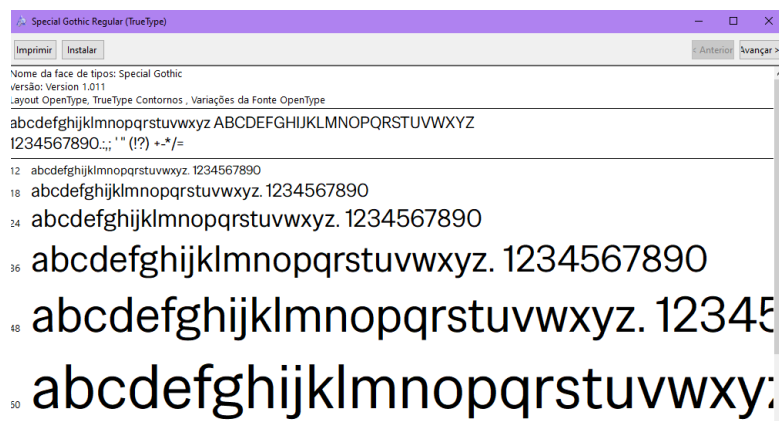
No entanto, ainda que a escolha fosse por uma visualidade mais limpa e simples, procurei não me afastar da estética urbana que constitui o próprio objeto do trabalho. As texturas, os contrastes e a crueza presentes nas ruas inspiraram decisões gráficas sutis, que dialogam com a atmosfera das imagens. A intenção foi criar uma unidade entre a linguagem visual do livro e o caráter estético das expressões urbanas, sem sobrepor elementos que pudessem competir com as fotografias. Assim, o projeto buscou equilibrar o minimalismo com a força expressiva do urbano, reforçando a identidade da obra.

Busquei referências para este trabalho também em outros livros sobre o tema. A partir deles, pude compreender melhor como se constrói um fotolivro e de que maneira imagens e textos podem dialogar na composição da narrativa. Entre as obras que me inspiraram estão: “Subway art”, de Martha Cooper e Henry Chalfant; “Grafite: labirintos do olhar”, de Eduardo Longman; “Pichação não é pichação”, de Gustavo Lassala; “Arte urbana”, de Marilúcia Bottallo e Cristiano Burmester; e “Texturas urbanas”, de Murilo da Silva.

4.3.1 Fontes

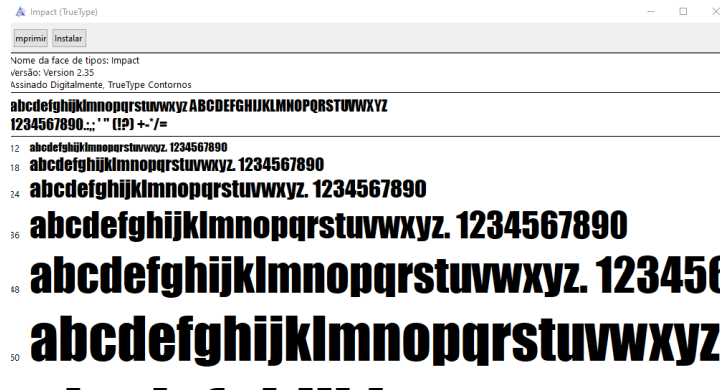
Para a escolha das fontes, busquei referências que remetessem à estética de posters urbanos. Dessa forma, para os títulos, utilizei a fonte tipográfica Impact (Figura 16), cuja presença marcante enfatiza as imagens. Para os textos corridos, optei por a fonte sem serifa Special Gothic Regular (Figura 17) que dialogasse com a tipografia principal, garantindo legibilidade e harmonia visual ao conjunto.

Figura 16: Fonte tipográfica Special Gothic Regular



Fonte: Captura de tela realizada pela autora

Figura 17: Fonte tipográfica Impact Regular



Fonte: Captura de tela realizada pela autora

4.3.2 Cores

Em contraponto às diversas cores presentes nas imagens, defini apenas duas cores para o fotolivro: o branco e o preto. Apesar de contrastantes, essas cores, combinadas às fotografias, exercem a função de destacá-las, valorizando a centralidade das imagens e mantendo a leitura visual limpa e direta.

4.3.3 Capa

Como o foco do trabalho são as imagens, defini que a capa (Figura 18) deveria ser composta por uma delas. Escolhi uma fotografia rica em texturas, capaz de transmitir um pouco do que o leitor encontrará no interior do livro. Optei por uma imagem predominantemente azul, cor recorrente em muitas das fotografias selecionadas para o miolo.

Para que o título não se perdesse entre os traços e texturas da imagem, saturei e aumentei as sombras da imagem. O título foi centralizado verticalmente e posicionado um pouco abaixo do centro horizontal, de modo a criar equilíbrio, dar destaque à imagem e harmonizar a composição visual da capa.

Figura 18: Capa do fotolivro realizada pela autora



Fonte: Captura de tela realizada pela autora

4.3.4 Edição

As imagens do fotolivro passaram por ajustes de luz, sombra e saturação, a fim de realçar seus elementos visuais e garantir maior harmonia ao conjunto. As fotografias de introdução de cada capítulo, assim como aquelas presentes na segunda e terceira capa, foram editadas em preto e branco, com o objetivo de criar um efeito de destaque e, ao mesmo tempo, dialogar com os textos introdutórios. Além disso, duas imagens receberam uma intervenção cromática, destacando a cor vermelha: em uma delas (Figura 19), a cor foi utilizada para evidenciar a presença humana, enquanto, em outra, a cor foi usada para destacar o objeto central da composição.

Figura 19: Imagem introdutória do capítulo Onde a cidade se encontra



Fonte: Fotografia realizada pela autora

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção deste trabalho de conclusão de curso me permitiu uma reflexão aprofundada sobre as expressões urbanas de Mariana, articulando teoria, observação e prática. O percurso de elaboração do trabalho evidenciou a importância de integrar múltiplas perspectivas, tanto do olhar pesquisador, da experiência do flâneur e da própria prática fotográfica, para apreender a complexidade do meu assunto.

Além disso, a experiência de registrar visualmente as intervenções urbanas possibilitou o caráter efêmero dessas manifestações e a necessidade de documentá-las como uma estratégia de preservação e estudo. A interlocução entre imagens, entrevistas e referências teóricas reforça o papel da arte urbana como prática social significativa e contribui para o debate sobre os limites entre protesto e vandalismo. Desta forma, este trabalho constitui não apenas um registro das expressões urbanas em Mariana, mas também um instrumento para compreender um pouco mais sobre a relação entre cidade, cultura e sujeitos sociais.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. O Flâneur. In: BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. Obras escolhidas III. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- BRASIL. LEI Nº 9.605, DE 12 DE FEVEREIRO DE 1998. Brasília, DF, fev. de 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9605.htm>. Último acesso em 22 de ago. de 2019.
- KOSSOY, Boris. Fotografia e História. São Paulo, Ateliê Editorial, 2009.
- LASSALA, Gustavo. Pichação não é Pixação: uma introdução à análise de expressões gráficas urbanas. São Paulo: Altamira Editorial, 2010.
- OLIVEIRA, Ana Karina de Carvalho. “Agora é a vez do pixo”: cenas de dissenso e subjetivação política nas relações entre pichação e arte. Dissertação de Mestrado. Área de concentração: Comunicação e Sociabilidade. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.
- RITMO, POESIA & EMANCIPAÇÃO. MINÉ, Bruno. Artista convidado 3º seminário de ritmo, poesia & informação. Mariana, 15 jan. 2025. Instagram: rpe.ufop; brunofmine. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DE3G1OipgYf/>. Acesso em: 21 ago. 2025.
- TIBURI, Márcia. Direito visual à cidade: a estética da pichação e a cidade de São Paulo. Redobra, n. 12, 2013. <http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2013/12/redobra12_EN6_marcia.pdf>. Acesso em: 14 de outubro de 2024.
- TIBURI, Márcia. Pensamento PiXação. Cult (online), São Paulo. Colunistas. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/pensamento-pixacao/>>. Acesso em: 25 de agosto de 2024.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ, 2014. p. 7-72.

APÊNDICE A - Entrevista com Sky

Entrevista realizada presencialmente no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA) em 13 de agosto de 2024.

P - Como você começou a pixar?

R - *Isso é um rolê que eu venho fazendo desde criança. Quando eu era pequeno desenhava na mesa da sala, aí disso foi para a parede, aí da parede da escola, foi para a parede da rua e só foi indo. Eu já fui expulso da escola por causa disso, por causa de pixar em carteira. Não sei se você é daqui da época que a estadual que pintaram ela toda de branco? Enfim, teve uma época que eu mudei para lá, saí da escola da Prainha, fui para lá cursar o ensino médio lá. Aí nos dois primeiros anos, assim, só na mesa. Aí no último ano eu peguei para fazer na escola inteira, e isso foi escalando porque começou com um um pixo meu, aí todo mundo da escola começou a fazer também. Aí chegou no ponto que não dava mais e eles tiveram que pintar a escola inteira. Mas nossa, deu uma B.O. que foi até polícia lá procurar quem que tava fazendo.*

P - Por que deixar seu nome em todo lugar?

R - *Esse é um rolezinho que eu gosto de deixar minha marca em todo lugar que eu vou. Então sempre quando eu passo por algum lugar assim, eu deixo minha marca ali.*

R - Já teve alguma vez que a polícia te encontrou pixando?

R - *Teve uma vez que foi quase, só que eu consegui dar fuga de skate. Isso aí é uma história que teria que trazer minha amiga para vir contar aqui a outra parte para você entender 100%. Teve uma vez também que um amigo meu me chamou para ir no Jardim de tardzinha. Quando eu cheguei lá, a gente foi pixar no coreto. Ele já tinha lançado a tag dele lá e a câmera pegou só ele pixando. Aí quando eu cheguei eu lancei a minha, na hora que eu terminei os 'homens' apareceram lá, aí eles me levaram como cúmplices. Ele teve que pagar a multa que é R\$1.200 ou serviço comunitário. O moleque tinha 16 anos, aí a mãe dele ficou puta com e ele pagou.*

As pessoas só vão ver de uma forma diferente, quando alguém daqui tiver uma fama muito boa nesse ramo. Enquanto isso, vai ser a mesma coisa. Infelizmente aqui é uma cidade muito pequena, todo mundo que nasce aqui cresce com pensamento que tem que sair daqui para poder crescer na vida, então todo mundo vai embora. Que nem vocês vêm para cá, faz o necessário e depois vai embora.

P - Como é a reação das pessoas à sua pixação?

R - *Geralmente eu gosto mais de fazer rolê assim de madrugada, quando não tem ninguém, que é menos gente na rua, é mais fácil de eu correr também. Mas durante o dia assim, nunca deu B.O. não. Teve uma vez que eu fui fazer em uma numa placa perto da igreja ali aí teve um senhorzinho que começou a gritar comigo. Eu só peguei minhas coisas e sai andando. Deixei ele lá falando. É uma forma de expressão, mas aqui o povo não entende por ser uma cidade histórica. Acha que está trazendo prejuízo ao patrimônio público.*

P - As pessoas te reconhecem através da sua pixação?

R - *Teve um moleque que ele começou a pixar por minha causa. Teve um dia que a gente estava na batalha e ele chegou em mim perguntando se eu era o Sky e eu falei que sim. Aí ele falou que admirava o meu trabalho e mostrou as pixação que começou a fazer. Me deu até uns adesivos com as pixação dele.*

P - Você acha que tem alguma coisa que chama as pessoas fazerem pixarem aqui em Mariana?

R - *Eu acho que o que mais puxa as pessoas aqui é a pista de skate, em geral, porque você vai lá você vê um lugar todo colorido e rabiscado. Aí você acha bonito, você tenta fazer em casa e só vai indo. Tanto que muitas pessoas têm a primeira vez pixando lá na pista de skate. Tipo primeiro rolezinho, foi com um amigo meu que conheci lá na escola e a gente começou a rabiscar a parede junto. Aí teve um dia que eu comprei as latinhas, e dei ideia nele depois da aula a gente foi lá na pista de skate.*

P - E como você se sentiu no seu primeiro rolê?

R - *Nossa, muita adrenalina. A gente pegou para fazer um rolê de tarde, então tinha muita gente na rua. Ali eu já me acostumei com os olhares. O povo passa de carro e buzina, tenta chamar o máximo de atenção possível para você tentar ser visto ali.*

Eu gosto de sentir o frio na barriga. Se eu olho para aquela parede e sinto frio na barriga, é porque é aquela a parede.

APÊNDICE B - Entrevista com Bruno Miné

Entrevista realizada presencialmente no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA) em 24 de julho de 2024.

P - Como é a recepção dos moradores ao seu grafite?

R - *Todos os trabalhos que eu fiz foram conversados com o pessoal. As pessoas demandam para eu fazer coisas específicas. Coisas até que eu não pinto, fraga. Mas assim eu fico meio sem graça de falar, mas aí eu falo: 'outro dia', quem sabe, aí eu volto e faço outra coisa. Cara, porque eu acho que a gente tem que se acostumar com essa ideia da arte não comercial também. É só os artistas ali se expressando e sem demanda, sabe? Tipo a recepção, eles vão ter depois, mas é sempre uma recepção bem positiva. Eu falo isso com todo mundo, velho, com todo mundo que o centro histórico não precisa de arte urbana. Ele precisa mesmo que o IPHAN⁹ o conserve como deve, mas às periferias de Mariana precisam de arte urbana, precisa de grafite, porque é um grafite que trabalha uma sensação de pertencimento. O pixo também, porque quando o cara carimba lá o vulgo dele, é tipo assim: 'eu estive aqui, esse lugar é meu'. Tanto que tem a cultura de você não atropelar o outro. Nem com grafite nem com o pixo, porque é considerado 'paia', é considerado tipo declaração de guerra em alguns lugares. E aí vira uma bola de neve, porque todo lugar vai ter alguém para zoar seu trabalho. Por isso é importante o respeito também entre os artistas que praticam o grafite e o pixo.*

P - Como é o estilo de arte urbana de Mariana?

R - *Aqui eu acho que tem vários tipos de pixação. Aqui como tem uma tradição muito forte de curso de Letras, e na própria literatura, pixo para alguns, igual Paulo Leminski é muito importante, por exemplo. E tem essa parada de pixar frases de efeito, frases engraçadinhas, frases agressivas. Esse é um tipo de pixador, né? Esse é um pixador poeta, ele está mais na vibe de passar uma mensagem mesmo.*

E você vê na própria tipografia, que é uma tipografia legível, e é algo para que as pessoas realmente leem e se identifiquem. E tem o pixador que é 'cria', assim da quebrada, que é a tradição do pixo paulista que se difundiu no Brasil inteiro. E que é o negócio do

⁹ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

vulgo, que quanto mais ilegível melhor. É criação de tipografia, pode ser uma tipografia até legível, mas tem que ser estilosa. Tem que exprimir o estilo daquele artista. E tem também a pixometria, que eles falam, que é o pixo na régua. É aquele pixo que parece que é feito numa caixa de ilustrator.

E tem esse outro pixador que é o pixador iniciante, que ele não 'fraga' muito bem o que ele está fazendo. E tem um outro também que é o pixador de personagem. Ele vai fazer o traço de uma personagem simples ali. E tem um fenômeno dentro da pixação que está diretamente ligado ao crime organizado. É tipo assim, que é que eles têm códigos também, né? Tipo de códigos de número, sabe, tipo de identificação.

O pixo também é pautado muitas vezes de você ir no pico mais difícil ou de você pixar um lugar histórico. Algo que chama muita atenção. Ou se você pichar um prédio muito alto. Então tem essa veia de esporte, tipo assim, os cara escala, eles praticam esporte efetivamente.

Aqui em Mariana é tão difícil que nem crew se forma aqui, sabe. E crew é uma coisa que rola muito em cidade maior, tipo a turma se une mesmo para pegar um final de semana e pintar, trabalhar uns com os outros

APÊNDICE C - Entrevista com Sbeck

Entrevista realizada remotamente em 12 de fevereiro de 2025.

P - Como você começou a grafitar e pixar?

R - *Eu comecei primeiro a pichar. E tem mais tempo que eu pixo do que que eu grafito. E quando eu comecei, comecei porque eu gostava do propósito e da estética. É uma forma artística que todo mundo enxerga como com maus olhos. É uma cultura marginal. E o propósito me chama muita atenção.*

P - O que o grafite/pixo significa pra você?

R - *O grafite e o pixo para mim hoje significa tudo. Significa arte, significa protesto, hoje é minha vida. Significa trabalho, eu trabalho com isso hoje, eu ganho para grafitar. E assim, tem a parte comercial, mas tem a parte que é a essência que eu vim, que é o grafite no vandal, sem permissão, como forma de protesto, como forma de ocupação do espaço. Então o grafite e o pixo para mim significa isso. Se eu pudesse resumir em uma palavra, o grafite e pixo para mim significa tudo. É tudo que eu mais gosto, é o que gosto de fazer. É o propósito que eu abraço, é a causa que eu abraço.*

P - Porque você grafita/pixa?

R - *Eu pixo porque eu abraço o propósito, eu abraço a causa. E quando eu digo que significa tudo para mim é tudo mesmo. O pixo e o grafite são o grito do oprimido. É onde as pessoas começam a te enxergar; você começa gritar na parede. Eu grafito e pixo por causa disso, pelo propósito, pela diversão, pelas amizades que a gente faz no caminho, por tudo mesmo.*

P - Como as pessoas reagem quando você está pixando/grafitando?

R - *Quando eu estou pixando, mais nessa estética do pixo reto e chega alguém e vê, as pessoas quase sempre criticam, torcem a cara. Já chegou alguém correr atrás de mim. De*

estar pixando um muro, chegar o dono e falar que ia me matar e eu ter que sair correndo. Mas quando eu estou fazendo um grafite, um bomb, uma letra mais colorida, mesmo sem autorização, mas tem rolê que tem autorização. Mas um rolê que não rola autorização, tem as duas partes, tem a galera que passa e elogia, parabeniza, curte o trampo se interessa. E tem a parte que passa e vira a cara, que não gosta, que xinga. E até a policia mesmo, já tomei muito muito esculacho pintando. Já tomei muito esculacho pintando, já tive a cara pintada mais de uma vez. Estava grafitando em Ouro Preto, os 'homens' me pararam, me mandaram colocar a mão na cara e jogaram tinta. Perdi até o meu réu primário nessa, levei cacete. E não tem muita conversa, nem com a sociedade, nem com os 'homens'. Mas quando eu estou grafitando mesmo uma coisa mais colorida, as vezes a polícia para e até deixa eu continuar. Vê que é um trampo da hora, às vezes passa e nem para, mas às vezes implica também.

P - Como é a aceitação das pessoas?

R - *É uma cultura marginal, a cultura do pixo, do grafite, então a aceitação na maioria das vezes não é boa. Principalmente quando estou pixando. É difícil, tem pessoas do meu convívio, esses tempos para trás fui até conversar com a família da minha namorada. E a gente tem que ficar se explicando, explicando o propósito e mascarando um pouco também, claro que eu visto, é a minha personalidade, eu não fujo disso, como eu disse é minha vida.*

P - Como é a cena na cidade de Mariana?

R - *A cena tem uma galera talentosa, uma galera de disposição. Junto comigo tem o Grape que é o maior aí, que está no corre há mais tempo. Tem o Rick, tem o Sky, tem o Fix, a galera da hora. É pouca gente, mas todo mundo que está na cena representa.*

P - O que significou para você aquela manifestação que você fez no Jardim?

R - *Aquela manifestação que eu fiz no Jardim foi para mostrar a nossa luta mesmo, para mostrar como a gente é tratado no nosso país. Como eu disse lá, uma tinta no muro vale mais que um grito de socorro. Eu acho que a gente tem um problema muito maior do que uma pessoa que está pixando o muro, que está fazendo um grafite. Um tempo atrás ocorreu de eu e um amigo estar fazendo um grafite perto do matadouro, a policia parou e deu um esculacho*

na gente e falou: 'ali na frente tem um pessoal disso, disso e disso e pode entender que vocês estão fazendo apologia'. Então, eles estão mais preocupados em focar na gente do que em combater coisas que importam. Lata não xingam lata não machuca ninguém, lata não atira. Então eu quis passar isso no protesto, o nosso grito.

APÊNDICE D - Entrevista com Grape

Entrevista realizada presencialmente no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA) em 3 de setembro de 2024.

P - Como você começou a pixar?

R - *Isso aí tem que voltar bem na raiz mesmo, porque vem desde a infância. Eu sempre reparei muito, e em Belo Horizonte... Parte da família do meu pai é de uma cidade onde a gente tem que ir para Belo Horizonte, tipo tem que passar por Belo Horizonte. E desde pequeno a gente faz essa viagem, e eu sempre fiquei olhando. E sempre gostei muito de cor, e eu me interessei primeiro foi pelo grafite, não foi nem pela pixação. E foi algo natural, eu fui observando e falava: "Nossa muito bonito, muito doido, eu quero saber fazer isso".*

Só que meu ponto inicial mesmo foi na escola, quando eu tinha por volta de 13 anos, na aula de artes a professora ensinou para a gente sobre a diferença de grafite e de pichação, a diferença de pixação com 'x' e pichação com 'ch'. E isso foi em uma escola particular, quem que iria ensinar isso, e aprendi muita coisa lá. Tive um primeiro contato pela minha professora, e eu tinha que fazer um trabalho sobre um negócio que gostava e me empenhei muito, muito mais que eu deveria. Tanto é que eu tô mais ou menos... Pô, a primeira vez que fui para a rua em 2019, eu tinha 14 anos, então já tem uns 5 anos que estou aí. Quando eu tinha 15 anos em 2020, eu comecei a levar mais a sério e aí foi em 2021, já me considerei um pixador. Porque antes disso, não. Eu tinha noção das coisas, sempre tive noção que tipo assim, não é porque você pegou uma lata de spray, que você é um pixador automaticamente. Não, o pixador tem que saber do contexto, tem que saber o que ele está fazendo, sobre o ele está protestando. Porque a pixação é um protesto.

E aí fui me moldando, crescendo, me embasando e me espelhando sempre com pessoas de fora. Até porque em Mariana, na época que eu comecei, tinham pessoas que vieram antes e pessoas que vieram depois, mas na minha época, não tinha ninguém fazendo. Era eu. E tive que correr atrás, cara. Um meio foi a internet, a rede social me salvou muito. Foi quando eu comecei a ir atrás do pessoal pelo Instagram. E aí eu conheci a galera de verdade, não só a galera que está passando na televisão por causa de documentário, mas a galera que está na rua. E eu acho que foi por isso que eu gostei.

P - Sobre o que você protesta?

R - *O meu protesto é sobre desigualdade, sobre estruturas abandonadas, principalmente estruturas públicas. Tanto é que, na minha pixação, dificilmente eu pixo casa de morador. Já fiz, não vou mentir; todo mundo já fez, mas eu evito. A maioria das casas, as poucas fachadas que eu fiz foram de casas abandonadas, onde não tem ninguém morando. Eu sei que é caro manter uma casa, sei quanto que é a tinta. Então, no meu protesto, na minha pixação, eu não pixo casa de morador. A não ser que seja do lado, que não seja fachada e que já esteja pixado. Se tiver uma parede limpa do lado eu não vou pixar também. Isso são valores individuais de cada pixador, cada um tem o seu. E isso não te faz menos ou mais.*

E eu protesto muito contra política também, política corrupta. E não tenho o lado partidário, sou muito neutro. Eu queria que o Brasil fosse um país de primeiro mundo, só que não é, e não é por falta de estrutura, não é por falta de condição, e é isso que mais revolta. Apesar de eu ser pixador e muita gente me ver com maus olhos, eu me considero uma pessoa boa. Então eu luto contra as pessoas ruins também, luto contra essa essa queimada que está tendo. Vou fazer um protesto sobre isso em breve, sobre pessoas ruins mesmo, gente que rouba, igual tá aí, essa é onda de assalto que está aqui em Mariana. Pessoas que de alguma forma têm que passar a perna em alguém, fazem injustiça, covardia e maltratam os animais, tudo isso são coisas assim que me tocam muito e que eu fico muito revoltado. E eu acho que a pixação é um grito para tudo isso, dessa sociedade imunda hipócrita que vai julgar mais minha pixação do que as próprias ações, sabe? Você joga lixo no chão e inunda tudo, mas aí eu não posso fazer meu pixo, e essa mesma pessoa vai me apontar.

P - Você comentou que as pessoas te condenam muito, como é essa relação?

R - *Eu não falo muito para todo mundo, eu não saio falando por aí. Para as pessoas que eu falo, geralmente, elas têm uma abertura a mais, só que as poucas vezes que as pessoas já ficaram sabendo, assim, é sempre um preconceito muito enraizado, né? Tipo: 'Ah isso é coisa de vagabundo, de moleque, de pessoa que não tem estudo, de pessoa que não tem nada na vida e vai pixar'. E essa não é minha opinião, as pessoas que picham, que eu conheço, são muito inteligentes, a maioria, tipo assim numa questão de ter visão. Tem gente ignorante também, igual qualquer lugar, mas eu acredito que as pessoas que estão nesse meio elas*

sabem e tem uma visão de mundo muito maior. O que me ensinou muito também. 50% é pixo na parede, o resto é a experiência, amizade, construção para a sua própria vida.

P - Como você vê o cenário do pixo aqui em Mariana?

R - *Aqui é complicado, primeiro que é uma cidade histórica, centro é sempre complicado de fazer, e assim se você parar para pensar, o pessoal faz mais em volta. Agora eu estou priorizando fazer rolê no alto. A gente vai de duas pessoas, para ajudar na escalada, ajudar a apoiar e eu não. A maioria dos meus rolês grandes, foi a maioria sozinho. Então eu tenho essa dificuldade.*

P - Como é a reação das pessoas quando elas te veem pixando?

R - *Já correu poucas vezes, mas todas as vezes o pessoal reclama. Ainda mais quando eu fazia de dia, tipo quando eu estava começando, eu saía às 3h da tarde para fazer no meio da rua, assim na cara dura. E aí quando tinha um pessoal com coragem de falar, só falavam coisa ruim. Encontrei só uma pessoa na vida que achou da hora.*

P - Como você escolhe o lugar?

R - *Eu ando fazendo só lugares altos. Por causa da necessidade, né? Porque a pichação no Brasil foi evoluindo dessa forma. O pessoal tem a cultura de não atropelar. E aí você tem que ir subindo, quem não der conta, não faça porque se atropelasse vai você vai ser levado para as ideia. Mas lugar, eu estou tentando pegar mais a região central, mas infelizmente a questão policiamento aí tá complicado. Então vou ter que começar a buscar mais as quebradas, porque o centro está complicado por agora.*

P - Como a mensagem é passada através do seu estilo de pichação?

R - *É bem complexo... eu tô começando nessa ideia de escrever frases agora porque antes não, meu protesto era só ir lá e botar a tinta na parede mesmo, sem querer saber de nada. Se a pessoa entender como o protesto ou não, vai dá imaginação abstrata dela. Mas assim o protesto mais nu é realmente escrever com letra de forma, que eu até estou*

pretendendo fazer. Mas o que eu faço é para chocar mesmo, porque se você faz um pixo na parede normal, muitas vezes a pessoa não vai parar para refletir. Só que no alto, principalmente, aqui no interior, as pessoas ficam em choque. Igual eu fiz o antigo fórum ali no centro, eu fiz duas vezes. Aquilo lá a pessoa já olha, tipo assim, ela já se espanta querendo ou não, porque é um órgão público que estava desativado até um tempo, mas a pessoa olha. Muita gente achava que lá tinha segurança, então a pessoa já olha e acha feio. Mas acho que, na minha visão, eu acho que causa o sentimento até de amedrontamento algumas vezes, tipo assim, que realmente não estamos seguros, que o governo não está dando qualidade de vida para a gente, porque esse ser humano conseguiu ir lá e fazer o que ele quiser, entendeu? Eu queria passar essa sensação de fragilidade para a sociedade, principalmente fazendo no alto que é o que mais choca. E é assim que eu passo a mensagem.

P - Qual o pixo que você mais se orgulha?

R - *Eu acredito que esse último [Grape me mostrou um pixo que ele realizou no alto da fachada de uma casa que aparentemente estava abandonada] eu me orgulho bastante. Porque foi uma escada, assim, numa altura pioneira aqui na cidade. Eu acho que ninguém nunca, não seja muito alto, mas ninguém nunca escalou nesta altura. Teve o no SJ também, lá foi o rolê mais difícil que eu já fiz na vida. Eu passava muito tempo lá, porque é no caminho da minha casa. Então, sempre que eu passava ali, via uma parte que dava para fazer alguma coisa. Eu descobri um jeito de subir, eu fiz na lateral do SJ e na parte da frente. Mas aí foi uma semana que meus pais tinham ido viajar, eles nunca fazem isso, mas tive sorte porque eles foram viajar, aí eu consegui sair de madrugada, porque eu não saio de madrugada. E querendo ou não você morando com seus pais, meus pais sabendo que eu sou envolvido com essas coisas, eles não deixam. Não deixam eu sair de noite. E tenho que dar um 'migué', e falar assim, 'ó, tô saindo com a minha namorada'. Mas tive que sair por volta da 1h30 da manhã. Nem consegui dormir por causa da adrenalina pré. E na hora que eu subi, na hora que eu comecei a fazer a letra, a tinta não estava pegando direito, porque não é uma placa fixa, é tipo uma lona mais grossa. Então ela afundou para frente, e na hora que eu fui fazer o primeiro traço eu mal consegui. Então eu falei, 'meu deus o que que eu tô fazendo aqui velho'. Era uma hora 1h30 da manhã, eu em cima do bagulho tentando pensar, tendo uma crise existencial. Mas confiei nos meus extintos e continuei tentando. Eu já tinha feito um pedacinho aqui, se ficasse feio ou não, eu não estava nem aí. O que importava era que ali era*

caixa lotérica, barbearia, lavanderia, supermercado e em frente ao prédio é ponto de ônibus. É o mais ibope que eu tenho, pela dificuldade, pela visão.

P - O que o pixo significa para você?

R - *A pixação me ensinou muito. Me ensinou a ter até mais humildade. Tipo assim, ter humildade com pessoas que não têm humildade com você, sabe a pessoa chega já é rude, você é que tem que estar no acerto. É você quem tem que ser educado. Você quem tem que ser a pessoa de chegar e dar um boa noite, dar um sorriso. E se a pessoa não quiser o problema está com ela e não com você, você não tem que se sentir mal com isso. Então acho que é isso que a pichação me ensinou. Então temos que acreditar na gente, temos que saber o nosso valor. E são lições que eu levo para a vida, são coisas inestimáveis que eu agradeço, Sou grato pela pichação eternamente. Porque não tem mais volta, tem minha vida antes e depois.*

Tem gente que não se importa com isso, mas eu acredito que ouvir o nosso lado também é fundamental para entender. Porque não é só a tinta na parede. Não é qualquer um que vai pegar meia dúzia de lata de spray gastar e falar eu sou pixador, não mano. Eu nunca fui parado, mas nessa você suja sua ficha.